



Sábado

2

MARÇO

1974

ANO I

N.º 46

PREÇO AVULSO: 2\$50

Semanário Regionalista

* Vila Viçosa Portugal.

AVENÇA

DELEGAÇÃO EM ÉVORA:

SEDE DA ADMINISTRAÇÃO E REDACÇÃO:

ASSINATURAS:

Rua João de Deus, 66, 1.º — APARTADO 64 — Telef. 2 41 51

Zona de Urbanização a Sul do Mercado, Lote 2 — Telef. 4 21 13 (P.P.C.)

Trimestre — 13 números: Portugal, 30\$00; Estrangeiro, 50\$00

Relações escola-família *Divagações*

POR J. PRIMO JALECO

Ainda se encontram certas famílias que pouco se interessam pela vida escolar dos seus educandos. Esperar pelas classificações no fim dos períodos para só então tomar medidas; limitar-se a compará-las com as anteriores ou com as dos vizinhos, fazendo depois os comentários por vezes injustos, sem averiguar causas, revela, não direi bem uma falta de interesse, mas uma falta de conhecimento dos princípios mais aconselháveis para a solução de eventuais deficiências que por ventura existam no currículo escolar dos seus filhos. Pela experiência que tenho nesta matéria de relações com Encarregados de Educação, com resultados que posso comprovar com exemplos e frutos, não entendo que essa atitude seja conveniente. É necessário que os pais manifestem um interesse cada vez maior pela conduta dos seus filhos na escola, procurando falar com o seu professor o maior número de vezes, ou com o Director de Ciclo ou de Turma. Outras vezes por iniciativa própria, outras ve-

zes respondendo à chamada, como é o caso das Reuniões de Encarregados de Educação, hoje tão frequentes nos nossos estabelecimentos de ensino. É que esta tarefa de educar não cabe só à Escola e da colaboração da Família dependerá necessariamente o seu êxito.

O professor colhe os seus frutos porque vê apoiado o seu trabalho; o aluno beneficia porque nunca se sente desamparado; os pais lucram porque se lhes torna mais fácil descobrir os anseios dos seus filhos, pelo conhecimento que deles vão tendo através do seu comportamento diário dentro e fora da Escola. Da acção harmoniosa desta triologia — pai-professor-aluno, que deverão

funcionar como uma unidade educativa, resultará na maior parte dos casos um conceito mais certo acerca da pessoa e do papel dos que ministram o ensino aos seus filhos.

Sabemos que aos pais não qualificados é difícil fazer a apreciação do nosso ensino e avaliar os métodos que empregamos. Também sabemos que é vulgar cometer-se o erro de criticar, diante dos filhos, aqueles que estão encarregados de os ensinar. Criticar e censurar.

Se a unidade educativa que preconizamos existir, se cada um fizer lei da lealdade e da ponderação, estamos certos que surgirão menos problemas e de mais fácil solução.

Fevereiro de 1974.

Quem se lembraria, há poucos meses, que alguns povos de tez um pouco mais escura do que a cor média europeia, considerados gentes de 2.ª ao Norte do Mediterrâneo, que os grandes reis da história esboçaram para as zonas mais desérticas vizinhas da Europa que eles tanto cobizaram, viriam a impor as regras do jogo na conjuntura político-económica daquela mesma Europa! Daquela Europa donde irradiou a civilização mundial e a quem há poucas décadas ninguém regatearia o grande título de centro do mundo. E isto tudo porquê? Um facto muito simples o determinou: a existência naqueles desertos das maiores reservas mundiais de energia petrolífera, alimento da força motriz tanto da grande indústria europeia, como do meio de transporte mais comezinho.

O boicote tornou-se a rocha «trapela» onde são atirados pelos árabes todos os países que não fazem a sua

política e necessitam do seu petróleo.

Na senda do comércio internacional, o petróleo, nas mãos dos árabes, tem-se mostrado um argumento muito convincente quanto à razão que os árabes chamam a si no conflito com Israel.

As perspectivas futuras sobre a normalização do comércio do petróleo e o seu regular fornecimento são uma incógnita, agora que os árabes perceberam a sua importância, mesmo pondo de parte a instabilidade sempre reinante nas paragens do próximo Oriente.

Já noutras fase do conflito israelo-árabe os árabes podiam ter tomado atitude idêntica quanto ao fornecimento do petróleo que possuem nos seus territórios, só que talvez ninguém os tivesse alertado sobre a importância económico-política daquele produto. Também os europeus não tomaram consciência, ao longo do tempo, da extrema dependência em que se têm encontrado as suas economias do ouro negro árabe. Dos incautos não reza a história e na minha terra sempre ouvi dizer, e com acerto, que se não devem guardar todos os ovos que se possuem dentro do mesmo cesto.

Por aqui e por ali se ouve falar nos «Estados Unidos da Europa», e na «Europa Unida» na boca de alguns sonhadores, mas a experiência mostra que esse sentido de unidade ou união não existe e bem o prova a actual crise de energia, onde cada Estado soberano se tenta «safar a si próprio» esquecendo que o problema é de todos, não se divisando à distância uma tentativa

Por MANUEL LOURENÇO SOARES

tas ilustradas editada e distribuída pela Comissão Municipal de Turismo local.

Mas para além desta nota biográfica outros e graves problemas se

(CONTINUA NA PAGINA DOIS)

(CONTINUA NA PAGINA TRES)

Associação dos Bombeiros Voluntários de Vila Viçosa

Uma colectividade da nossa Terra! Quantas elas são e quantos serviços enestimáveis têm prestado às populações em geral?

Falar delas é um dever! Têm sido estas simpáticas e nobres casas que das mais variadas formas têm contribuído para a formação e valorização da nossa Gente.

Hoje e merecidamente é da Associação dos Bombeiros Voluntários de Vila Viçosa, que vamos falar:

Vila Viçosa!

«Outrora residência real da Corte de Bragança durante a Idade Média e Renascença, berço da última dinastia que reinou em Portugal, Vila Viçosa é rica em monumentos históricos e em obras de arte, lembranças evocadoras de uma grande época.»

Pois é!...

Tal e qual como diz uma das vinhe-

O calipolense Dr. Serafim de Jesus Silveira Júnior é o novo Governador Civil de Setúbal

O distrito de Setúbal, um dos mais importantes de todo o País, tem novo governador civil. É o Sr. Dr. Serafim de Jesus Silveira Júnior, natural de Vila Viçosa, Procurador à Câmara Corporativa, delegado do Governo junto da Rádio Marconi, e que há cinco anos vinha a presidir à Câmara de Almada, para onde foi em período difícil daquele concelho, tendo ali realizado obra vastíssima que muito o valorizou.

O Dr. Serafim Silveira, que du-

rante seis anos presidiu à Câmara Municipal de Évora, onde desenvolveu uma obra a todos os títulos notável, é licenciado em Ciências Histórico-Filosóficas e Pedagógicas, a ele se devendo a elevação de Almada a cidade.

Congratulamo-nos pela acertada escolha deste calipolense ilustre para tão alto cargo, cumprimentando o Sr. Dr. Serafim Silveira Júnior, a quem desejamos no seu novo cargo as maiores felicidades.

Imprensa

«VOZ DO SADO»

Este nosso prezado colega de Alcaçer do Sal, que sob a proficiente direcção do nosso Amigo Padre Luís Silveira comemorou recentemente o 15.º aniversário, apresentou-se no último número com novo cabeçalho.

Cumprimentamos «Voz do Sado» e o seu digno director, inesquecível bom companheiro da visita a Angola, augurando-lhes a multiplicação por muitos anos já vividos por aquele distinto e agora valorizado órgão da nossa imprensa regional.

«O DESPERTAR»

Recebemos a agradável visita de mais um ilustre colega: «O Despertar», bissemanário republicano independente, que se publica em Coimbra e vai no seu 56.º ano de publicação, e de que são: director, António Almeida e Sousa; director-adjunto, Armando de Almeida e Sousa; e redactor, Artur Almeida e Sousa.

Agradecemos e, com o maior prazer, vamos permutar.

Anoitecer

“à minha terra”

A noite vem caindo a nossos pés e a pouca luz que resta, ainda beija o fumo que se esvai das chaminés e a torre ponteguda da igreja... Ao longe soam guizos de animais, assobios de pastores que ao lar regressam... esvoaça solidão nos olivais e os mochos a espreitar-nos já começam! E passa a escuridão pelos caminhos como um doce luar em noite calma, afagando os telhados e os ninhos, adormecendo os sonhos da minh'alma...

Leolinda

FAZEM ANOS:

Em 2 de Março:

Francisco Custódio Vale de Gato
Francisco Santana de Oliveira

Em 3 de Março:

António José Saraiva
Firmino José Caeiro Leitão

Em 4 de Março:

Rogério Talhante Carreteiro

Em 5 de Março:

José António Maurício Borracho

Em 6 de Março:

Artur Manuel Gonçalves Azeitão
Eduardo Xavier
Maria da Conceição Simões dos Santos
Raquel da Conceição Valente Figueira Chamorrinha

Em 10 de Março:

António Manuel da Cunha Pimentel
Maria Gorette Martins Plácido de Rodrigues Travassos

Carnaval em Aviz Carnaval Alentejano

A risonha Vila de Aviz, múltipla de evocações históricas, neste ano a comemorar o seu 750.º aniversário, cercada de oliveiras e sobreiras e banhada pelas águas férteis do Maranhão, teve o seu carnaval, a que merecidamente se chamou alentejano.

O grande curso carnavalesco teve a concorrência e o sucesso que se lhes adivinhavam, e grandioso foi também o baile de máscaras, onde se reuniram muitas centenas de pessoas, vindas de toda a parte. Era uma família numerosa, onde não se conheciam profissões, nem graus, nem fortuna. Que em terras como Aviz, felizmente ainda em estado de ancestral pureza, as pessoas vivem lado a lado e todas se dão como amigos.

No domingo, mal anoiteceu, entre o curso e o baile, vistoso fogo aquático multicolor reflectiu-se nas águas mansas da ribeira e iluminou a Vila.

O Grupo de Amigos do Concelho de Aviz, que organizou todos os festejos, e no grande baile proporcionou até boa sardinha assada, está de parabéns. A Aviz acorreram pessoas de toda a parte e os avisenses espalhados pelo país que nesses dias não foram à sua terra, certamente receberão informações que os deixarão chelos de pena, e no próximo ano não faltarão.

Parabéns a Aviz, a todos os avisenses, a todos os alentejanos, e, em especial, aos componentes do grupo de amigos que proporcionaram este carnaval.

José Joaquim Maurício Valadeiro (Falecido em Angola)

Chegaram no passado dia 25 de Fevereiro a Vila Viçosa os restos mortais de José Joaquim Maurício Valadeiro (para os familiares e amigos o inesquecível «Zeca Valadeiro»), falecido há anos em Angola, vítima de brutal desastre de aviação. Os seus restos têm repousado na cidade de Negage, onde viveu os últimos tempos de vida e conheceu a morte.

Agora que a terra onde nasceu já possui o que desta vida lhe ficou, resta-nos, numa última homenagem, desejar-lhe que a sua alma descanse em paz.

EVORA

A PRÓXIMA FEIRA DE S. JOÃO

Cumprindo o prometido no nosso número de 9 de Fevereiro, continuamos a falar do que gostaríamos fosse a Feira de São João.

São indispensáveis duas corridas de touros, em que participem cavaleiros, espadas e moços de forçado alentejanos, alternadas com monumentais sessões de fados e guitarradas e de variedades, em que predominassem artistas dos alentejos.

A bem do desporto local, e até regional, deveria estimular-se o atletismo, com vista a provas diárias no decorrer de toda a feira. Estamos certos de que se estas provas passassem a estar sempre incluídas no programa, seria um bom motivo para durante o ano, rapazes e raparigas, se entregarem com maior entusiasmo à prática do atletismo.

El precedidas de intensa propaganda, feita ao longo do ano, deveria expor-se de tudo que se produz e se fabrica no Alentejo, incluindo cães, gados, artesanato, cortiça, vinho e cerâmica.

Finalmente, que os preços dos terrenos sejam acessíveis, dando-se preferência a algumas actividades, sobretudo às que maior interesse tiverem para a economia da região e àquelas mais do agrado tradicional do povo.

Para tudo muito contribuiria o aumento das carreiras de autocarro e dos comboios, com reduções consideráveis nos preços durante todo o período.

Elias Matias

Os métodos da Plutocracia

(CONT. DA PAGINA 1)

termos dos Estatutos da n/ Sociedade, se esta importância não for liquidada no prazo de 15 dias, perderá o direito àquelas acções, sendo a importância do v/ débito realizado por outro subscritor interessado.

A falta de notícias de V. Ex.ª no prazo estipulado — 15 dias — significará o v/ desinteresse pelas acções, pelo que, a partir dessa data perderá todos os direitos já adquiridos inclusive o da posse da parte das acções já realizadas.»

Afinal, em que lei vivemos?

Antes de a fábrica estar concluída, vai-se a casa das pessoas, uma, duas, as vezes que forem necessárias, para lhes vender acções, e tudo se facilita: Não tem dinheiro? aceite uma letra. A empresa é sua!

A moagem entra em actividade, e, como cá se diz, começa a picar a cevada na barriga às pessoas: ou pagas os 310\$00 que entendemos levar-te, ou perdes os 20 contos que cá meteste, a favor doutro que pague aqueles 310\$00. E tem de ser no prazo de 15 dias, porque decorrido este perdes todos os teus direitos na sociedade.

A pessoa procurou-nos, e, à boa maneira portuguesa, aconselhámo-lo a pagar. Mas aqui fica a notícia, para prevenção dos incautos.

Mais comentários? parecem-nos desnecessários. São tão evidentes os métodos da plutocracia!...

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

têm a pesada como ingrata responsabilidade moral de defender do terrível flagelo que é o fogo e nem só, põem à consciência daqueles que tantas como incalculáveis preciosidades que nesta aprazível como rica localidade se encontram.

Sim, para estas graves situações é que há bombeiros.

E é a verdade.

Mas que bombeiros?

É aqui que todos em geral e em especial os poderes públicos devem atentar quem são aqueles que abnegada e continuamente põem tantas vezes a sua vida em risco para salvaguarda de outras vidas e haveres que constituem afinal os valores materiais e humanos da Comunidade a que pertencemos, ao fim e ao cabo bens inestimáveis pertença da Nação.

CORPO ACTIVO

Tal como nos áureos tempos em que se constituíram entre nós estas altruistas instituições humanitárias, que são as corporações dos bombeiros voluntários, continuam nesta época a viverem de subsídios e do altruísmo de uns tantos valores, como o foram Guilherme Consequi, Bernardino Costa, António Feio, Arreda (1) e tantos outros nomes gloriosos que tornaram uma realidade efectiva estas nobres colectividades.

O recrutamento do pessoal para preenchimento dos seus quadros continua como sempre foi: inexistente.

É bombeiro voluntário toda e qualquer pessoa que num acto de consciência e desta forma pratica o bem em prol dos outros, à falta de sistema oficializado, quando afinal há muito que assim não deveria suceder.

Quer as populações, quer também os seus bens continuam à mercê do voluntariado, quando afinal toda e qualquer povoação da categoria de Vila Viçosa, sede de concelho, onde se reúnem nos seus imóveis riquezas incalculáveis, pertença artística e cultural do Património Nacional, mais se deveria impôr uma corporação em cujos quadros existissem permanentes devidamente remunerados a expensas dos poderes públicos.

Tenhamos em conta que não há dinheiro que pague tantas preciosidades juntas, colecionadas no decorrer dos séculos e que se patenteiam nos monumentos locais, especialmente no Palácio Ducal.

Convém ter presente os grandes incêndios que destruíram em Lisboa, a Igreja de S. Domingos e o Teatro Nacional, perdendo-se com eles valores inestimáveis.

Mais ainda o que de modo algum é para duvidar, no ataque a qualquer daqueles incêndios foram mobilizados todas as corporações da capital e seus arredores, cujos efectivos em homens nunca foram inferiores a um milhão.

Depois disto compreendemos e sentimos a angústia, a tremenda responsabilidade moral e humana que pesa sobre a Associação dos Bombeiros Voluntários de Vila Viçosa, especialmente nos ombros do comandante Mourão, sempre que a sirene nos seus arrepiantes e gélidos apelos chama o pessoal a comparecer no quartel a fim de atacarem depois um incêndio que se deflagre na sua zona, aliás bastante extensa.

Adivinhámos e porque não a tensão em todos os valores voluntários que constituem o corpo activo da briosos Corporação só baixará depois de terem conhecimento que o incêndio não se manifestou em nenhum

dos muitos e ricos museus do bodo Calipolense.

Mas, aqui ou ali, isto é, em incêndio de grandes ou pequenas proporções, de maneira alguma deveremos esquecer estes homens simples, porém de grande carácter que a qualquer hora do dia, da noite, tudo abandonaram, família e empregos, na honrosa missão de por vezes até darem a sua vida pela vida do seu semelhante.

SERVIÇO DE AUTO-MACAS

Quantos serão os quilómetros que os veículos da Corporação percorrem em média por mês, primordialmente as ambulâncias?

Será bom ter em mente que no concelho de Vila Viçosa — mais de oito mil habitantes — não existe um serviço hospitalar à altura das necessidades concelhias e daí todo o transporte de doentes, ou sinistrados ter de ser efectuado para estabelecimentos hospitalares de Évora, ou Lisboa.

É quanto a este importante factor, devido aos muitos quilómetros que as auto-macas têm de percorrer para levar a cabo a sua nobre missão, é apreciável o consumo de combustível e desgaste de material.

Qualquer destes nunca é compensado monetariamente, sendo como é normal estas rubricas as de maior encargo para a Associação.

Mas se as corporações de bombeiros voluntários têm graves problemas com esta anómala situação — as suas direcções muito têm de trabalhar e graciosamente para conseguirem fundos para fazerem face às despesas cada vez maiores — não menores sente a laboriosa população de Vila Viçosa, pela ausência em si de estabelecimento hospitalar condigno e da nossa época.

Pelos serviços prestados, pela sua presença activa e válida, merece esta secção da Associação, deve merecer sempre a admiração das populações em geral e dos da localidade em especial.

MATERIAL DE INCÊNDIO

Pessoa amiga acompanhou-nos na breve visita às instalações do quartel da Corporação, agora em obras de restauro e melhor aproveitamento, onde tivemos o ensejo de observar o material e tudo o mais nele aquartelado.

Quanto a nós e em face das características especiais locais e aqui ditas achamos de insuficiente o material.

A zona a proteger é grande e nela está incluída também a Serra de Ossa.

Pelo menos mais um auto-tanque seria necessário, visto que a região tem carência de água e como é sabido num ataque a um incêndio rapidamente se esgota. E depois?...

Bem, depois tem-se que esperar que o auto-tanque se reabasteça em dado lugar, por vezes muito distanciado, mais o tempo de reabastecimento.

Também notámos ausência de escada -Magirus e afinal esta é tão necessária como qualquer outro elemento de uma corporação de bombeiros.

Vila Viçosa também possui imóveis relativamente altos que uma simples e vulgar escada não consegue alcançar e por conseguinte ultrapassar.

Sabemos, foi-nos dito, que um dos antiquados carros val ser em breve adaptado com equipamento para servir a espuma o que aliás é bom e aceitável mas a carência de material subsiste.

Além do mais um carro para o transporte de pessoal também se impõe, visto que a Corporação não possui nenhum destes veículos.

PERSPECTIVAS FUTURAS

Já não é nova esta prestimosa como válida instituição.

Os anos, as décadas que por ela passaram não são poucos e isso é uma grande virtude. Uma grande responsabilidade.

As instalações que completam e fazem o seu património podem-se e devem-se considerar de razoáveis. Foi a abnegação de alguns e a continuidade de outros que possibilitou concretizar esta realidade.

Os novos, aqueles que agora a dirigem apenas a devem continuar para uma maior dignificação e mais ainda para o bom nome da terra Calipolense.

Também a população de Vila Viçosa, filho ou não desta aprazível localidade, se devem orgulhar de possuir na povoação onde vivem uma Instituição deste âmbito.

Compete-lhes a eles pugnamem, zelarem por tudo quanto de útil e de bom outros fizeram para o bem da comunidade.

Associação dos Bombeiros Voluntários de Vila Viçosa, Instituição do passado voltada ao presente, que nos merece a melhor das simpatias e respeito.

(1) D. Afonso Henriques de Bragança, irmão do rei D. Carlos, que ao circular com o seu automóvel por Lisboa — nessa altura começaram estes a aparecer por cá — e como medida de segurança, gritava aos transeuntes que lhe apareciam pela frente: Arreda... Arreda...

Pela sua popularidade os lisboetas alcunharam-no com este nome.

Foi comandante dos Bombeiros Voluntários da Ajuda, corporação ainda agora existente na capital, cujo quartel é na Praça da Alegria, junto ao Parque Mayer.

Muitas vezes empurrou as rédeas dos fogosos cavalos que em desenfreada correria puxavam os carros do fogo, através das ruas de Lisboa, para acudir a incêndios.

Com a revolta dos Naires, foi à Índia incorporado no Corpo Expedicionário, como seu comandante-chefe.

CORRECÇÃO DAS DEFORMAÇÕES DOS PÉS

EXAME FOTOPODOLÓGICO
E PODOMÉTRICO
GRATUITO
POR
ESPECIALISTAS

NÚMERO LIMITADO DE CLIENTES • FAÇA A SUA MARCAÇÃO

VILA VIÇOSA — FARMÁCIA TORRINHA
NO DIA 16 DE MARÇO DE MANHÃ

PALMILHAS MEDICINAIS E CALÇADO ORTOPÉDICO SOB MEDIDA
INSTITUTO HUBERTO DE PORTUGAL
RUA NOVA DA TRINDADE, N.º 6-A, 6.º - LISBOA 2 (PORTUGAL)



Amiense, 3 - Calipolense, 0

Cumprindo o calendário, a turma de Vila Viçosa deslocou-se a Amiais, pequena localidade do distrito de Santarém. O resultado, acima expresso, significa a décima primeira derrota consecutiva e, segundo informações, pois, com a restrição do combustível, é quase impossível acompanhar a equipa, os locais acompanharam a vitória, embora os calipolenses tivessem dado a luta costumada.

É justiça lhes seja feita: ninguém pode pôr em dúvida o brio dos rapazes de Vila Viçosa, alguns dos quais, mesmo esquecidos semanas à fio, regressam como se nem um domingo tivessem estado sem jogar.

Da nossa terra, jogadores que tivessem atingido uma certa projecção, só nos lembra de terem saído Abalroado para a CUF e Teotónio para o Lusitano e, mesmo assim, o primeiro fez o seu tirocínio no Barreiro e o segundo foi trabalho de um carola, José Luís Jardim, o Quintas. Além destes, José Luís foi júnior do Sporting e teria certamente seguido a carreira de futebolista se ela oferecesse garantias sólidas. Além destes mencionados, bastantes outros tem existido e existem em Vila Viçosa com valor suficiente para alcançarem posição de relativo destaque. Para não nos alongarmos muito, basta recordar um António Mourão, o António Fonseca e um Joaquim Espiga. E isto, sem falarmos noutros mais antigos e, nalguns actuais, que os há sem dúvida com valor e esses é que interessa salvar.

São amadores puros, é certo. E é esse amadorismo que obsta a que eles possam ter uma preparação mais consentânea com as exigências da prova que disputam. Junte-se a isto o amadorismo dos dirigentes e o exiguo número dos mesmos e compreenda-se o quadro.

Temos interrogado os directores de todos os clubes que nos têm visitado e a média de encargos mensais de todos eles, com a Secção de Futebol, ronda entre 80 e 100 contos, com excepção do Castelo Branco, cujos gastos não atingem os 50 contos.

Ora é com estas colectividades que a nossa se tem batido e, ao abordarmos o assunto, pretendemos unicamente dar mais um cunho de realidade à situação da nossa equipa, embora nós próprios estejamos convencidos que, com uma melhor organização, se poderia fazer melhor. E, repetimos: falamos com conhecimento de causa, desculpe-se-nos a inodéstia, mas de vez em quando é necessário darmos sinal de vida para que um ou outro paraquedista não se julgue já com mais horas de vo.

Segundos nos dizem, o treinador Alberto Cunha dirigiu a equipa pela última vez. Velhos amigos, não vamos aqui, de momento, analisar a sua acção, mas dela oportunamente falaremos.

Há que tocar a unir e tentar reanimar jogadores, directores e público. Há que ter cabeça e tacto antes de se traçarem novas directrizes, sob perigo de se continuar a estragar. Há rapazes que é necessário recuperar. E recordemos que, trabalhos deste género, não estão ao alcance de qualquer ignorante, nem se fazem com conversas de café nem de placas da fonte. Tocamos no assunto unicamente para alertar a Direcção e daqui lhe afirmamos que os nossos modestos conhecimentos estão à disposição para colaborar nessa cruzada de recuperação ou pelo menos de reabilitação. E, graças a Deus não nos quere-

mos comparar a qualquer charlatão de meia tigela. Cuidado com os abutres, muito cuidado! Que em lhes cheirando a carne moribunda, nem a ossada deixam!

Segundo nos consta, apesar do campeonato ser interrompido, no próximo domingo a equipa local defronta a do União de Santarém, sendo assim antecipado o jogo que pertencia à vigésima sétima jornada. Como a seguir nos visita o Desportivo Portalegrense, temos dois jogos seguidos em casa, o que viria mesmo de encontro ao que, de momento, é necessário fazer para evitar o afundamento total do que levou bastantes anos a construir.

Em Amiais alinhámos: Tabarra; Trindade, Calisto, Rafael e Serrador; Parraça, Nelo e Luís; Franco, José Luís e Marta.

Por queda grave, que chegou a oferecer algumas preocupações que felizmente não se confirmaram, Luís deu o lugar a Carlos Alberto (Elias). Também Trindade foi substituído por Belmiro.

Ao intervalo havia 1 a 0 e o terceiro golo dos locais foi obtido na marcação de uma grande penalidade discutível.

J. F.

UM TRUNFO DAS RAPARIGAS DA ESCOLA SECUNDÁRIA DE VILA VIÇOSA

As representantes da Escola Secundária de Vila Viçosa, sob a orientação da professora sr. D. Hortense Valente, acabam de vencer o campeonato de Núcleo na categoria de iniciados, na modalidade de nAdebol.

Tendo defrontado na final a equipa representativa da Escola Secundária de Estremoz, as nossas representantes venceram por 3 a 2.

Alinharam:

Leonilde; Antónia, Maria José, Esmeraldina, Maria Isabel, Dolores, Deolinda, Isabel e Maria da Conceição.

Dolores foi a autora dos três pontos da Escola de Vila Viçosa.

Divagações

(CONTINUADO DA PAGINA UM)

de organização conjunta, como forma efectiva da resolução do problema, por falta de solidariedade. Com esta falta de inclinação dos Estados Europeus de enquadramento do seu espaço existencial na existência de um contexto geral europeu de que, quer queiram quer não, fazem parte integrante, como se organizariam eles em caso de agressão por uma grande potência internacional?

Através de uma forma unilateral de resolução da crise de energia tem o nosso país uma situação privilegiada em relação a todos os países afectados pelas restrições árabes, só se lhes podendo comparar, nesta matéria, os Estados Unidos da América. Senão vejamos:

Em 1972 foram importadas pela Metrópole cerca de 4300 000 toneladas de petróleo bruto ou seja cerca de 6% mais do que no ano anterior. Se o crescimento das necessidades de importação se mantiver àquela taxa, durante o ano de 1974 a Metrópole importará uma quantidade de petróleo bruto que rondará os cinco milhões de toneladas. Ora, se atendermos ao facto de a nossa produção Ultramarina já ultrapassar, segundo parece, os 8 milhões de toneladas de petróleo bruto e mesmo contando que a refinação de 1 milhão de toneladas/ano, na refinaria de Luanda, se destine totalmente às províncias Ultramarinas, ainda restariam 2 milhões que excederiam as necessidades metropolitanas no ano corrente e que se poderiam exportar. Esta é uma situação que se poderá implantar nos próximos anos, mau grado no ano de 1972 o Estado de Angola ter fornecido apenas à Metrópole 11% das suas exportações de petróleo bruto, pois os seus principais clientes foram o Canadá, Estados Unidos da América e Japão.

Para os próximos anos há também que contar com a refinaria de Sines, cujo arranque está previsto para 1977 com uma capacidade de refinação de 10 milhões de toneladas/ano, o que excederá em cerca de 4 ou 4,5 milhões de toneladas as necessidades metropolitanas já não contando com a falada ampliação da refinaria do Norte.

Mesmo sem petróleo árabe, parece

pois adivinhar-se um futuro próximo de bons augúrios em matéria de energia petrolífera, para os Portugueses, parecendo suficiente para o conseguir seguir outro simples adágio da minha terra que «não se deve vender aos outros aquilo que nos faz falta a nós», sob o risco de o vir a comprar muito mais caro, se por acaso o houver.

Para as grandes companhias internacionais petrolíferas o efeito multiplicador do lucro será sempre

o mesmo com ou sem petróleo ou com ou sem árabes. Eles já controlam cerca de 50% das reservas mundiais de urânio e cerca de 30% das gigantescas reservas de hulha americana. Há muitos anos que se sabe que as reservas de petróleo não são inesgotáveis e bem haja quem, utilizando os conhecimentos do presente, sabe programar a sua vida para o futuro defendendo os seus interesses — o mundo a eles pertence.

M. P. J.

TERMINOU O 1.º CURSO DE APERFEIÇOAMENTO DE PROFISSIONAIS DA PANIFICAÇÃO NO DISTRITO DE PORTALEGRE

Sob a presidência do professor Manuel Inácio Pestana, Presidente da Câmara Municipal de Portalegre, que representava o Governador Civil, realizou-se em Alagoa o encerramento do 1.º Curso de Aperfeiçoamento Profissional de Trabalhadores da Panificação efectuado no distrito de Portalegre.

Este Curso, a que outros se seguirão, foi iniciado em 9 de Janeiro,

teve a duração de 35 dias úteis, e esteve a cargo da Escola de Panificação de Lisboa, com a participação do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, e a colaboração do Grémio dos Industriais de Panificação de Évora. Foi seu monitor José da Conceição Nunes, dos quadros daquela escola.

No final do curso em que participaram operários e patrões, foram distribuídos diplomas de qualificação profissional.

Presentes à cerimónia o Dr. Augusto Neves Marques, da administração da Escola, que representava o Director do Fundo de Desenvolvimento da Mão-de-Obra, Dr.ª Maria Alice Coutinho e José Leitão Borges, pelo Serviço Nacional de Emprego. Tomé Tavares Diniz e José Correia, respectivamente, Presidente e Secretário da Direcção do Grémio dos Industriais de Panificação de Lisboa, e Fernando da Conceição Nunes da Trindade, Presidente do Conselho de Administração da Escola, que tinha também a representação da Diamantino Florindo, seu Director.

O Grémio de Évora tinha a representação do Presidente e o Secretário da Direcção, respectivamente, Gabriel Jacinto Jaleco e Victor Manuel Farinha Gueifão, e o Procurador ao Conselho Geral pelo concelho de Portalegre, José Moreira Baptista.

LIVROS

QUADROS DA VIDA REAL

Por BARBARA ROSA DA CONCEIÇÃO

Contos de feminil delicadeza, tal como renda finíssima de bilros, são discretas lições de vida e humanidade saídas sem dúvida dum espírito feminino de superior visão e transcendente alcance.

CRÓNICAS DO REPÓRTER MAX — 3.º volume

Por ANTONIO FERNANDES GOMES

Narrativas agradáveis, de linguagem simples, de exaltação patriótica, de muito interesse e com permanente actualidade. A sua leitura revela-nos sobretudo o dinamismo admirável do autor. O dinamismo e a juventude dum homem viajado e culto.

Edições dos autores.

Victor Manuel Ladino Ferrão

Este nosso estimado assinante, encontrando-se em Vila Viçosa para festejar o Carnaval, teve a gentileza que lhe agradecemos, de vir à nossa Redacção apresentar-nos cumprimentos, tendo aproveitado para liquidar a sua assinatura até ao fim do corrente ano.

José Joaquim Maurício Valadeiro



AGRADECIMENTO

António José Valadeiro, mulher, filha, genro e mais família, reconhecidos, agradecem a todas as pessoas que acompanharam os restos mortais de seu filho à última morada, e em especial as deferências do Ex.º Senhor Tenente José Fradique.

Coluna dos leitores

RESPONDENDO...

António João da Saúde — Barreiro: — Muito gratos lhe estamos por nos ter indicado mais um assinante, assim como pelos amáveis cumprimentos e palavras amigas que nos dirigiu.

Acredite, Bom Amigo, que este nosso jornal, se cada amigo lhe arranjasse um novo assinante, passaria a ser melhor.

«O Calipolense» chega todas as semanas a todo o mundo — todo o mundo, pense bem! — e por isso pensamos valer a pena contribuir para que ele, o «nosso jornal» seja cada vez melhor. É sobretudo o nome de Vila Viçosa que está em causa, e, felizmente temo-lo verificado, cada jornal que sai torna-o mais conhecido e admirado.

José Estêvão Lima Pereira — Escrivão de Direito — Beja: — Não tem quaisquer desculpas a apresentarmos, caro amigo. Tem trazido a sua assinatura sempre paga adiantada-

mente e agora até já fica com saldo para 1975. Muito obrigado pela sua confiança em nós!

João Inácio Nunes Azetão — Amadora: — Recebemos a sua amável carta, e, noutro local, informamos até quando a sua assinatura está paga. O nosso amigo António João Saúde Rocha foi de facto quem nos indicou o seu nome para novo assinante. Estamos agradecidos a ambos, que envolvemos no mesmo abraço de amizade e simpatia.

Gregório Gomes — Lisboa: — Recebemos a sua estimada carta de 21 de Fevereiro, e bem assim os trabalhos referidos na mesma. Mas não vinha mais nada, pelo que lhe agradecemos o favor de nos informar se foi lapso seu ou qualquer descuido nosso ao abrímos o envelope, com consequente extravio.

Sobre «A Casa do Calipolense», sabe que outros assinantes nossos radicados em Lisboa, ao lerem a nossa correspondência, vieram à nossa redacção oferecer o seu apoio?

É verdade; verdade e muito interessante. E logo que nos seja possível, escrever-lhe-emos sobre o assunto, com uma semana de antecedência, como sugere.

INFORMANDO...

Acabaram de nos liquidar a sua assinatura:

Dr. João Hlídio Mexia de Brito — Oeiras: — Até ao n.º 70;

João Inácio Nunes Azetão — Amadora: — Até ao n.º 71;

José Estêvão Lima Pereira — Beja: — Até ao fim do corrente ano, e fica com um crédito de 15\$00 para 1975;

Capitão Ernesto Soeiro de Brito — Évora: — Até ao fim deste ano, ficando com um saldo de 4\$50 a seu favor para o ano seguinte;

António João Abalroado — Barreiro: — Até ao fim de Julho deste ano;

Joaquim António Alegrias Boquinhas — Lisboa: — Até ao n.º 75.

UMA GUINÉ REAL E OUTRA IMAGINÁRIA

Diz João Alves das Neves no "Estado de S. Paulo"

NOTA DA SEMANA

ENTRUDO

Fala-se muito numa das mais curiosas medidas promulgadas durante o regime de Afonso Costa, segundo a qual o uso de vestes talares estava interdito a homens, menos durante o entrudo. É esta, com efeito, a quadra própria para se exibirem mascarados, e quantos deles a mostrarem disfarces escondendo o que são e simultaneamente a revelarem aquilo que gostariam de ser, ou, mutatis mutandis, encobrindo o que parecem e simulando o que na verdade são.

Alguns motoristas de praça bateram-se até ao desaire pela abolição da obrigação do uso do boné. Que era uma máscara sem expressão, de uso aviltante, própria de dias de carnaval, ouvi algumas vezes dizer e achei bem. Pois acabou-se com aquela obrigação, e que se vê agora? Simplesmente grande parte dos ditos profissionais... de boné e até de chapéu, muitas vezes conduzindo senhoras. Mas já não é o boné de uso obrigatório; é aquele que se usa porque se quer e falta a educação. Quem compreende isto?

Que o carnaval, também chamado entrudo, é sobretudo época de folgedos e oportunidade de propiciar ao povo vir para a praça pública, animado, em dias de geral tolerância, com menos parcimónia no comer tanto como no beber e no dizer. Enquanto os senhores, que não são do povo, lá do alto das janelas, das varandas ou das sacadas, ou de dentro dos automóveis, se distraem gratuitamente nesses dias. É espectáculo de todos os anos, anunciando a quaresma.

Os métodos da Plutocracia

Há pouco mais de um ano, uma empresa de constituição recente tendo a moagem e a panificação por objectivos, andou de porta em porta a angariar accionistas, servindo-se de meios variados, um dos quais, parece que com bons resultados, foi a presença persuasiva de determi-

"O Calipolense"

Entre as muitas pessoas que se dirigem ao nosso jornal a propósito de trabalhos aqui publicados, algumas há que o fazem anonimamente, e outras com assinaturas que não conseguimos interceptar.

Foi o caso, por exemplo, duma carta datada de 28 de Janeiro, que um nosso estimado leitor de Campo Maior nos dirigiu, inspirado pela nossa «Nota da Semana» de 26 daquele mês, no n.º 41, sobre a condução nas nossas estradas. Esta carta vem assinada e contém matéria tão oportuna que muito gostaríamos de a publicar, mas pela assinatura não conseguimos identificar o seu autor e sem esse elemento não podemos dar-lhe publicidade. É pena, porque as palavras claras e o sentido objectivo que á recheiam seriam ajuda valiosa na efectiva concessão dos objectivos daquela nossa «Nota».

nado dirigente gremial acabado de desaposar, junto dos padeiros a cujo grémio durante quase 10 anos presidiu.

A panificação em Portugal não tem simpatia pelas moagens, que nunca a trataram bem, delas não possuindo recordações gratas, e, assim, é fácil alcançar dado o empobrecimento cada vez maior dos padeiros, não é difícil mobilizarem-se estas, com dinheiros e boas vontades, para constituírem uma moagem «sua». Que há quem pense ser a moagem responsável da tradicional má situação económica da panificação.

Pois muitos foram os padeiros que subscreveram acções da nova empresa moageira, em grande parte realizadas por meio de letras aceites, à espera da colheita da seara ou de recebimento de rendas de bens próprios.

É o caso dum nosso amigo duma aldeia de perto de Évora: aceitou uma letra de 20 contos para subscrever 20 acções, e a «sua» empresa, surpreendentemente, quase antes de entrar em actividade, veio pedir-lhe 310\$00 dos encargos bancários com o desconto desse aceite. Facto que não teria expressão de maior, se não fossem os termos da carta em que o pagamento daqueles 310\$00 é pedido. Senão, vejamos:

«Esclarecemos V. Ex.ª que nos
(CONTINUA NA PAGINA DOIS)

Num artigo encimado pelo título «Uma Guiné Real e Outra Imaginária», publicado no prestigioso diário «O Estado de S. Paulo», do Brasil, o jornalista brasileiro João Alves das Neves escreve:

«Se uma guerra fosse ganha com palavras e comunicados, o PAIGC já estaria instalado em Bissau. Porém, até hoje, os seus dirigentes não foram capazes de indicar onde está exactamente localizada a sua república».

«Os efectivos militares que combatem o PAIGC — faz notar Alves das Neves — são constituídos por africanos, numa proporção superior a 50 por cento. Com efeito, somam ao redor de 23 mil os Guinéus de todas as etnias que participam da defesa da Província: no Exército estão alistados 6800 homens e mais 200 na Marinha. As Forças de Milícias totalizam mais de oito mil e os homens que participam na auto defesa são perto de outros tantos».

«Deverá esclarecer-se que os milícias são todos africanos — e voluntários» — acrescenta.

«Quanto aos africanos incorporados nas forças regulares também são voluntários, porque na altura dos alistamentos há mais candidatos do que vagas. O que se explica por dois motivos básicos: a não-adesão das populações ao PAIGC e a elevação do «status» proporcionado pelo serviço militar, onde os africanos aprendem não somente a cultivar melhor as suas terras mas se preparam também para o exercício de outras profissões. E, além disso, o soldado aprende a manejar a arma que no futuro usará para se defender».

«As informações prestadas pelos numerosos guerrilheiros que têm de posto as armas — prossegue João Alves das Neves — revelam que o PAIGC enfrenta cada vez maiores dificuldades para recrutar novos combatentes. Há muito que os instrutores são russos e cubanos, entre estes se encontrando também alguns combatentes. E os guinéus que vivem nos países vizinhos (20 000 na República da Guiné-Conacry e 60 000 no Senegal) mostram-se cada vez mais relutantes em participar nas guerrilhas, sobretudo os que vivem no território senegalês, já que a população das áreas fronteiriças mantém boas relações com os habitantes mais próximos da Guiné Portuguesa, ao ponto de se contarem por dezenas de milhares os senegaleses fronteiriços que vêm tratar-se nos hospitais portugueses 52 213, em 1972».

«Pode dizer-se, em resumo, que a penetração ocasional do PAIGC se verifica exclusivamente nas áreas onde não há protecção militar, nem milícias ou grupos de autodefesa. Por isso, a reivindicação mais frequente da população é a de serem defendidas dos guerrilheiros, cuja acção prejudica as estruturas locais, económica e socialmente».

«A independência da Guiné Portuguesa, nas actuais circunstâncias — conclui o articulista — não seria a de todas as etnias, mas a de um partido cujas ligações com a União Soviética não podem ser negadas. Ou, então, haveria uma independência que serviria unicamente os objec-

tivos de Conacry (ou de Dacar, pois o Senegal também é candidato à divisão da Guiné Portuguesa). Só um caminho parece viável — o que atende às tradições multi-seculares dos Guinéus, dentro do respeito, às liberdades étnicas e religiosas, do desenvolvimento económico e social e da progressiva autonomia das suas populações».

«Quer dizer, há duas Guínés, a real, que pode ser percorrida em toda a extensão dos seus 36 000 quilómetros quadrados, e a Guiné do PAIGC, que é imaginária, porque se baseia na pretensão de uma independência que somente foi proclamada no papel. Em suma, a República da Guiné-Bissau não passa de uma farsa montada para efeitos de propaganda pelo PAIGC com o apoio de Conacry e da URSS e o beneplácito de Governos que representam, voluntária ou involuntariamente, o papel de inocentes úteis do comunismo, que acima de tudo se interessa pela conquista de posições estratégicas no Continente Africano — e por nada mais».

Parte do artigo de João Alves das Neves é constituído por depoimentos de jornalistas de várias nacionalidades que visitaram a Guiné Portuguesa e verificaram «in loco» a completa falta de veracidade de propaganda do PAIGC. E cita igualmente o testemunho do antigo Guerrilheiro daquela organização antiportuguesa, Laurente Gabriel Cissé, segundo o qual foi o próprio

presidente Seku Turé quem mandou matar Amílcar Cabral.

Acompanha o artigo um mapa da Guiné Portuguesa e das áreas fronteiriças vizinhas, localizando as várias bases do PAIGC, todas elas situadas em território estrangeiro.

Delegação Regional de Évora da Mocidade Portuguesa

Assinado pelo respectivo director, sr. Marcos António Carvalho Botelho, ilustre director do Centro de Formação de Évora, recebemos um exemplar do relatório do XXI.º Campo de Férias «D. Nuno Alvares Pereira», levado a efeito pela Delegação Regional de Évora da Mocidade Portuguesa, em Sines, de 1 a 20 de Setembro de 1973.

Este Campo de Férias ficou a dever-se ao Capitão José de Matos Correia Barradas, ilustre Delegado Regional de Évora da Mocidade Portuguesa, homenageado no mesmo relatório pelo director e os 27 jovens que nele participaram.

Muito agradecemos o exemplar que nos enviaram, expressando a nossa gratidão pelas amáveis referências nele feitas ao nosso jornal, e que muito nos sensibilizaram.

En Wagon

*Altos castelos, verdes e amarelos,
botão à janela,
adivinha, enigma, salada.*

*Sistema de biela e manivela,
confusão a quatro tempos,
motor de explosão lá fora,
calma.*

La jeune fille qui entre.

*Meditação após a visão,
descoberta imaginada.
Zut!*

*Tranquilidade e mil marinhos
Adieu à la française!*

L'adieu...

*Par Dieu! C' était vrai!
Elle était française.
Son sac disait Dijon.*

JOAQUIM SAIAL